ANO 8.º — Sexta-feira, 18 de Junho de 1915 — NUMERO 375

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

PARA A FRENTE

Depois do 14 de Maio, a vitoria do partido radical nas urnas marca o inicio duma era nova, que deve perdurar, e afirma perante as outras nações que a Republica Portuguêsa se enraiza na alma do Povo, o eterno, o grande, o glorioso sustentaculo da Liberdade. E' preciso não esquecer os dois movimentos. O segundo a completar o primeiro e ambos aureolados pelo triunfo da Democracia em cujas bases assenta toda a nossa felicidade.

Viva o Povo!

Nova vitoria

A' hora a que escrevemos bastantes teem decorrido já, após a realisação do acto que parecia eternisar-se como pomo de discordia entre os partidos politicos.

A revolução de 14 de Maio produziu, além doutros benéficos efeitos, um, não menos proveitoso, com a realisação da consulta eleitoral ao país efectuada com a maxima liberdade e respeito por todas as oposições, por todos os partidos.

Caíu assim a lenda tétrica e negra de que a feroz *demagogia*, opressora e violenta, de arma aperrada á boca da urna, não consentiria que alguem dela se aproximasse conduzindo uma lista que não traduzisse o apoio incondicional ao seu programa.

Caíu da maneira mais clara e irrefragavel toda a obra da intriga mesquinha e vil, ha tanto tecida em volta dum partido e dum homem que a cada nova calunia tem sabido responder com palavras e actos do mais acendrado patriotismo e da maior elevação politica. Faça-se-lhe essa justiça.

Caíu, duma vez para sempre, toda a nefasta taréfa dos pequenos de corpo e miseros de coração, que o país, com os seus proprios olhos, conscienciosa e libertamente, observou e julgou, estabelecendo em consciencia o confronto resultante do trabalho indigno de uns com a obra dignificadôra de outros.

Não nos enganâmos apresentando como a prova mais completa da nossa afirmação, a liberdade com que todos os politicos por aí percorreram o distrito e a cidade, a toda a hora, na ancia até de fazer triunfar candidaturas que significavam uma descarada provocação aos sentimentos de todos os bons republicanos em qualquer campo colocados.

E, como não fosse bastante provocação o nome apontado do candidato, em seu auxilio, com ares de especialistas afamados, cruzavam-se por essas ruas os *dentistas* da rua do Sol com os *planetas* já conhecidos de Agueda, numa azafama de idiotas procurando salvar o que, por sua naturêsa, estava perdido e excomungado logo á... nascença.

Todos esses comediantes, farçolas e descarados, abusando diariamente do civismo de todos nós, percorreram em várias direcções vilas e aldeias sem que ninguem tivésse uma frase, sequer, a lembrar-lhes a conveniencia de moderarem os seus trabalhos eleitoraes que significavam apenas um desafio na razão directa da petulancia com que neles se empenhavam.

Tudo fizéram quanto á sua obra julgaram frutifero e conveniente desde a miscelanea de nomes nas listas até á categorica afirmação a alguns eleitores, a quem era preciso falar assim, das convicções monarquicas do candidato!

Nada, porém, quebrou a conduta dos que tinham no seu animo assente o principio de que não sería manchado com o mais leve disturbio ou protésto a realisação do acto que tão nobre e alevantadamente foi concluido.

Bom foi assim para que não haja nunca motivo a poder justificar o fracasso dessa indecorosa e traidora tentativa protegida e apadrinhada por confessos conspiradores e autenticos monarquicos, tentativa que, no eleitorado logo encontrou a sua propria e formal condenação.

Bastaría este exemplo, se de facto não houvésse outros, milhares deles, para justificar a maxima liberdade e o maximo respeito com que governo e autoridades assistiram á realisação das eleições do dia 13 efectuadas em todo o país.

Independente dessa *sifilitica* manifestação a que aludimos, os partidos unionista e evolucionista levaram ás urnas por todo o distrito as suas forças e se mais votos não apuraram foi porque mais não tinham ou não quizéram.

A grandêsa do descalabro evolucionista pódem os seus partidarios procura-la na desorganisação das suas forças e em outras razões que neste momento não cabe aqui referir, mas que é do conhecimento dos proprios adeptos desse partido.

Se não resultassem da revolução de 14 de Maio tantos outros motivos de engrandecimento e regeneração nacionaes, bastaria aquele que ela produziu envolvendo na mais ampla atmosféra de liberdade a consulta eleitoral de domingo para que esse movimento libertador e de resurgimento seja abençoado por tantos quantos acima de tudo colocam a ordem, a liberdade e a honra da sua Patria que é este velho e querido Portugal.

Viva a Patria!
Viva a Republica!

Relatorio

Devido á amabilidade do nosso querido amigo e antigo colaborador, Manuel Dias Ferreira, *Aido de Cima*, inserimos hoje nas colunas do *Democrata* o seu relatorio sobre a revolução de Maio em que tomou parte muito activa e que é um conscienciosa documento a juntar aos que sobre o assunto já teem sido publicados noutros jornaes.

Agradecemos a Dias Ferreira o envio do seu precioso trabalho, que temos o maior prazer de tornar publico.

Films . . .

Um manifesto

Lê-se na secção — *Ecos* — do nosso coléga *O Povo*, de quinta-feira antecedente ás eleições:

«Um leitor envia-nos um manifesto eleitoral distribuido em Aveiro pelos filiados num partido da Republica, achando-o digno da Torre do Tombo.

Temos outra opinião: achamo-lo digno dum museu de curiosidades. Não insere programas nem planos, mas concita os eleitores a votar nos candidatos do partido cujas virtudes apregoa, porque ele é *o unico que melhores garantias oferece aos sentimentos religiosos de cada um*...

Só lhe falta acrescentar que não encolhe nem desbota com as lavagens e que se faz um abatimento por ser fim de estação.»

Não nos passou tambem despersebida a prosa e tanto que estivémos para a reproduzir como homenagem ao seu autor, que só por modestia a não assinou—o padre *pipi*...

Pimenta de Castro

Num dos ultimos numeros do *Radical*, folha evolucionista de Leiria, deparou-se-nos este quadro:

«Este homem, incontestavelmente, cometeu erros! Não teve a visão exata da situação. Não apreendeu bem na gravidade do momento historico. Foi de uma imprevidencia que tocou as raias do mais completo abandono.

Tendo podido vencer, nem ao menos soube cair de pé.

Mas esse homem, pelo seu caracter, pela sua honradez, pelo seu espirito liberal, merece ainda o nosso respeito.

Ha por aí, ao que parece, quem chegue a ter medo até de pronunciar as tres palavras desse nome: Pimenta de Castro.

Comnosco, não se dá isso.

Temos o orgulho de declarar que somos ainda solidários com ele, manifestando-lhe a nossa admiração.

Foi um ditador? Talvez.

Mas nunca houve tanta liberdade em Portugal como durante essa ditadura.

Nunca adulámos o general Pimenta de Castro, nem lhe pedimos nada, quando ele era um vencedor.

Mas tambem o não abandonamos agora, quando ele é um vencido.

Assim somos.

Pois que lhe preste e oxalá a verdade com que fala lhe não faça caír os dentes...

Farroncas

Dias antes de rebentar em Lisboa a revolução que deu em terra com a ditadura pimentista, um dos orgãos que sistematicamente a apoiava, por sinal dos mais abjectos, escrevia: *Venham para a rua se são capazes. Contam com o exercito? Contam com o povo? Então venham! Seremos 10 homens para 100. Seremos 1:000 homens para um milhão. Não fugiremos, nunca fugimos, nem fugiremos jámais. Venham, venham se são capazes!*

Escusado será dizer que desde 14 de Maio o tipo que assim escrevia nunca mais foi visto. Ele e outros que haviam jurado sustentar o govêrno até *cumprir a sua missão*...

Poltrões, mas sempre com farronca.

Barra fóra

O govêrno ordenou que seguissem para Ponta Delgada, Açôres, onde ficarão em liberdade, mas sob a vigilancia das autoridades, os ex-ministros da ditadura Pimenta de Castro, Goulart de Medeiros e Xavier de Brito e o *fundador* da Republica, tanto da predilecção dos monarquicos que lhe transcreviam a prosa do *Intransigente*, Machado Santos, presos a bordo dos navios de guerra desde a revolução de Maio.

A proposito désta medida, tomada apenas para evitar tristes ocorrencias, cantou o chefe evolucionista novamente o *Noivado do Sepulcro*, seguindo os viajantes o seu caminho sem mais novidade...

Repitam, repitam, que a Republica não é generosa.

Ele que o diz...

Não sabemos se notaram... No curto espaço de tempo que aí esteve, o *Capirote* pouco poude dizer mas desse pouco alguma coisa se aproveita. Ora vejam:

«O corpo dirigente monarquico é uma bôrra, sem tino, sem abnegação, sem sinceridade, nenhuma sinceridade, sem inteligencia e sem caracter. No dia em que eu contar tudo quanto ouvi e quanto sei, no dia em que me puzér a analizar, uma por uma, essas creaturas e os seus actos, a bôrra fica desfeita.

Os dirigentes monarquicos, quasi sem excepções, são quadrilheiros convictos e grandes pataratas.»

Aqui não se desmente ninguem... Quanto mais quem se acha nas circunstancias de depôr pelo exemplo que tem em casa...

Lucros

O advogado Joaquim Peixinho, cuja candidatura não pegou como senador *independente* pelo circulo de Aveiro, lucrou, a nosso vêr, muitissimo porque conseguiu tornar-se falado e de tal sorte discutido, que até andou em manifestos para melhor conhecimento do que a seu respeito, á boca pequena, se vem dizendo desde tempos imemoriaes. Ele, porém, é que talvez não contasse, apezar de tudo, que o gado lhe saisse tão mosqueiro...

Os bispos

A titulo de conselho, o *Transmontano*, semanário monarquista de Vila Pouca de Aguiar, deitou cá para fóra, dias antes das eleições, este pequeno trecho:

«Disséram os jornaes que os bispos portuguêses, em *entente* da ultima hora, resolveram que os catolicos concorressem ás urnas, votando nos deputados republicanos que mais confiança lhe merecerem no interesse da Egreja ou em quem quizérem.

Pois nós dir-lhe-emos que então votem nos democraticos, unicos politicos que teem chefe com a cabeça no seu logar.»

Não póde haver opinião mais insuspeita.

NA ESPECTATIVA

Continuâmos interessados em vêr se o sr. Barbosa de Magalhães sempre leva por deante a nomeação do protegido do seu amigo, que aí escreve, semanalmente, verdadeiras calinadas com o intuito, embora asnatico, de ferir a Republica, para oficial de deligencias da comarca, caso a que nos reportámos no numero anterior e que entre nós está sendo discutido entre os politicos com cérta vivacidade atenta a errada compreenção que o sr. Barbosa de Magalhães possue dos seus deveres partidarios.

Ultimamente não soubémos mais nada que sobre o caso se tivésse dado em Lisboa. Mas como é natural que depois da formação do novo ministério o sr. Barbosa de Magalhães apareça em campo e se agarre para conseguir éssa revoltante iniquidade que patrocina, nós cá estâmos na espectativa e com tanta curiosidade no desfecho da questão que só *Deus Nosso Senhor* é que o sabe...

Apuramento geral

No edificio da câmara reunem hoje as assembleias de apuramento geral das eleições para deputados e senadores por este circulo, devendo presidir, respectivamente, os presidentes da câmara municipal e da sua comissão executiva.

No proximo numero daremos o resultado.

Deputados

No numero dos que ultimamente foram eleitos pelos diferentes circulos do continente e ilhas adjacentes, contam-se os nossos amigos srs. dr. Rodrigo Rodrigues, dr. Marques da Costa, dr. João Elisio Sucêna, capitão Raimundo Meira, dr. Marques Guedes, Luiz Derouet, dr. Simão José, dr. Fernandes Costa, dr. Malva do Vale e os senadores Agostinho Fortes, dr. Elisio de Castro, dr. Souza Junior e dr. Daniel Rodrigues a quem enviâmos felicitações tanto mais calorosas quanto é cérto serem os referidos cidadãos incapazes de por qualquer fórma traírem a missão que lhes confiou o eleitorado ao escolhe-los para seus representantes no Congresso da Republica.

Por nós assim o julgâmos tambem e em tais circustancias nos congratulâmos com a sua eleição.

***O Democrata** é o jornal de maior tiragem e circulação e **mais barato** que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Dr. Magalhães Lima

Caíu á cama atacado de doença gràve, o ilustre democrata, dr. Magalhães Lima, a quem a Republica deve inegualaveis serviços prestados com a maior abnegação e desinteresse.

Ardentemente desejâmos o seu pronto restabelecimento.

Entre advogados

Num dos gabinêtes do tribunal produziu-se na terça-feira uma altercação de tal fórma violenta entre os advogados Cherubim do Vale Guimarães e Joaquim Peixinho, que por pouco não chegaram a vias de facto, se é que são verdadeiros os informes que viéram até nós.

Os dois causidicos estavam numa inquerição de testemunhas, parecendo que foi uma frase um tanto dura dirigida pelo dr. Cherubim ao seu coléga, que deu causa ao conflito.

Como não houve consequencias de maior, esperamos que as partes se componham tanto mais que não é bonito nem se compreende que correligionarios tão dedicados deixem de se entender daqui para o futuro...

ADESÃO

Filiou-se no Partido Republicano Português o terceiranista de Direito da Universidade de Coimbra, sr. Antonio Dias Leite, genro do nosso antigo correligionario e amigo sr. Alfredo de Lima Castro.

Natural de S. João de Loure, concelho de Albergaria-a-Velha, tanto o sr. Dias Leite como sua familia gosam ali de geraes simpatías pelo que a filiação do inteligente academico foi recebida com justificado alvoroço no seio do partido, que o conta no numero dos seus valiosos correligionarios, pela influencia eleitoral que de aí lhe advem.

Tambem cumprimentâmos o sr. Antonio Dias Leite pela sua atitude, que só o honra e enobrece.

Acordos

—==(*)==—

Muito interessantes estas duas locaes que veem respectivamente na *Republica*, de domingo, e na *Lucta*, de segunda-feira, as quaes definem e até caracterisam os processos de que se estão servindo os chefes dos partidos adversos ao do sr. Afonso Costa, que, com relação a acordos eleitoraes, se exprimem assim:

O "conchavo,,

Mais uma vez democraticos e unionistas de mãos dadas tomaram conta dos destinos desta pobre terra. E' absolutamente cérto o *conchavo* nas eleições para bater as candidaturas evolucionistas em muitos circulos, entre eles nos de Torres Vedras, em favor do sr. Barros Queiroz, contra o nosso correligionario sr. Constancio de Oliveira, no de Penafiel contra o nosso colega dr. Eduardo de Souza, em Louzã, em Coimbra para que sejam derrotados os nossos candidatos, em especial os srs. drs. Alves dos Santos e Fernandes Costa e em outras partes.

Dum lado o sr. Afonso Costa, senhor do poder, dispondo desta desgraçada terra como de coisa sua, do outro lado o sr. Brito Camacho, sem força propria, mendigando-lhe deputados, servindo-o *simplesmente* porque ele está outra vez em condições de fazer favores.

Portugal seria realmente uma nação perdida, se só existissem os partidos que estes dois homens representam ou se nós nos prevertessemos tambem.

Resta-lhe porém o Partido Evolucionista que só, com a sua fé, saberá fazer frente ao odioso *conchavo*, erguendo, bem alto, imaculada, a bandeira da Republica.

Diz ainda o mesmo jornal, orgão do evolucionismo, em *en-tête*:

. . . .

«Dum lado estão democraticos e unionistas conluiados em quasi todos os circulos. Do outro, em oposição, estão os evolucionistas, sósinhos, sem conchavo ou auxilio de outrem, batendo-se pelos seus ideiaes de sempre.

Democraticos e unionistas ainda ha pouco se jogavam as ultimas, dizendo aqueles que estes eram a escoria da Republica e os autores sinistros da *campanha de cobardia*. Os unionistas, vingandose, fomentaram contra os democraticos uma revolta militar, derrubando-os do poder. Agora, facilmente se estendem as mãos por sobre o abismo de odio que entre si cavaram, com o fim de nos hostilisarem.

Os evolucionistas disséram que combateriam sósinhos e vão hoje cumprir a sua palavra.

Poderemos saír das urnas além de vencidos aniquilados e desfeitos. Mas não saíremos delas desonrados.

Se esta patria se redimir—e nisso temos fé inabalavel!—que o nosso sangue de sacrificados se conserve livre de mescla, para ser pura e sagrada a obra do resgate. Se a Patria houver de morrer, que sobre o seu sepulcro fique alguma coisa de pé, quando mais não seja o nosso espectro vingador, onde os nossos filhos, um dia, de mãos algemadas, possam sem desonra pousar os olhos embevecidos de amor e de esperança.»

. . . .

A resposta da *Lucta*:

Alianças eleitoraes

«O orgão evolucionista, com uma semcerimonia que já nos não causa surpreza, declara que unionistas e democraticos de mãos dadas tomaram conta dos destinos deste país. Não é, porém, tudo: na opinião do orgão evolucionista fizémos um conchavo com os democraticos para bater vários candidatos daquele partido.

Podiamos retorquir-lhe que o conchavo fôra entre evolucionistas e democraticos, entre evolucionistas e catolicos. Limitamo-nos, porém, a afirmar que é absolutamente falso que houvésse qualquer conchavo entre unionistas e democraticos, e que no circulo de Beja, por exemplo, não foram distribuidas pelo nosso partido as listas que continham os nomes de um candidato evolucionista e outro democratico.

Póde ter havido quem, no seu plenissimo direito, tenha votado em unionistas e democraticos, como houve, com corteza, em alguns circulos, quem incluisse na mesma lista evolucionistas e unionistas.

São actos de iniciativa individual que partido algum póde evitar; mas podemos garantir que as comissões politicas do nosso partido não fizéram conchavo algum com quasquer adversarios ou inimigos politicos.

O partido evolucionista póde *conservar o seu sangue de sacrificado livre da mescla, para ser pura e sagrada a obra do resgate.* Póde, *se a patria houver de morrer*, colocar o seu *espectro vingador sobre o sepulcro da patria, onde os seus filhos, um dia, de mãos algemadas, possam sem desonra pousar os olhos embevecidos de amor e de esperança.*

Póde o evolucionismo preparar-se para tudo isto, fazer tudo isto e muito mais; o que, porém, nunca ha de conseguir é que nos prejudiquem os actos alheios.

Com as responsabilidades dos nossos actos saberemos arcar; mas o que a fantasia e a malevolencia de quem quer que seja nos atribua não nos incomoda, porque resvala sobre nós sem nos ferir e deixa-nos sorrindo desdenhosamente da insensatez de todos os que imaginam que a sua prosperidade ha de resultar da nossa desgraça.

A politica evolucionista é de ha muito regulada pela ideia de que a nossa destruição constitue o seu fortalecimento.

A nossa obedece á convicção de que a União Republicana tem uma funcção politica propria, sabe o que quer, hade conseguir o poder na hora propria sem desordens de rua, sem conchavos que a desonrem, mas com aqueles entendimentos e, se tanto fôr preciso, com aquelas alianças eleitoraes que em toda a parte se fazem, que servem para evitar inuteis violencias e só por fanfarronada se declaram sistematicamente inaceitaveis.

O partido evolucionista afirma que se sente animado. E' com certeza por imaginar que a União Republicana, depois do *conchavo* que o seu orgão inventou, está morta. Pois o nosso desejo unico é que o evolucionismo continue animado, esperançado e convencido de que o seu espectro não terá de ornar o sepulcro da patria...

Ainda que os evolucionistas se conluiassem com qualquer partido e ainda que desse facto resultasse a nossa derrota, a União Republicana havia de proseguir no seu caminho procurando fortalecer-se e sem atribuir a quaesquer conchavos a fraqueza que só lhe adviria da indiferença dos cidadãos cujos interesses materiaes e moraes encontram garantias seguras no seu programa.

Os conchavos! Ainda esta desculpa serve para esconder a falta de votos! Dir-se-ía que só os unionistas são capazes de reconhecer a triste verdade, isto é, que as classes conservadoras, que exigem do nosso partido a ordem, se esquivam por sistema a dar-nos a força sem a qual nenhum partido governa—a força eleitoral, os votos!»

Mas—ó meninos!—não se zanguem que não vale a pena por tão pouco...

Correspondencia multada

Avisamos uma vez mais aqueles que comnosco queiram comunicar, que não levantaremos do correio a correspondencia que não venha devidamente franqueada pois é norma estabelecida desde ha muito não pagar multas por mais insignificantes que sejam.

Ainda esta semana nos foi dirigida uma carta porteada com 1|2 centavo em vez de 2,1|2.

Lá ficou no cesto das coisas inuteis.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Camões

—==*==—

Na Escola de Ensino Normal foi comemorada a morte de Camões, no dia 10 do corrente, sendo encarregado de fazer a prelecção sobre o grande épico o professor José Casimiro da Silva, que tambem acumula as funções de director.

No desempenho déssa missão, José da Silva fez uma sintese da nossa evolução historica, desde a fundação da nacionalidade até a sujeição a Castela, tendo antes dado a significação dos beneficios legados pelo seculo XIX ás gerações atuaes.

Entrando em seguida no assunto da prelecção, traçou um esboço rapido da vida de Camões, pondo em destaque as perseguições de que foi vitima na côrte fanática de D. João III, a nobrêsa do seu caracter, que não lhe permitia adulações e o seu grande amor da Patria.

Passou depois á analise dos *Luziadas*, como um dos maiores poemas da Humanidade, fez realçar o grande talento de Camões, o espirito filosofico que transparece naqueles versos adoraveis; a critica com que aprecia a opressão que pesava sobre o povo, quer exercida pelos reis, quer exercida pela religião; a pintura admiravel com que descreve os fenomenos da natureza, etc.

A proposito citava versos do épico imortal, terminando a apreciação com a leitura da critica feita por alguns escritores.

Considerando os *Luziadas* como a Biblia do povo português, observou que a descoberta do caminho maritimo da India foi para o poeta o nucleo em volta do qual Camões conseguiu tecer em estrofes sublimes, cheias de sentimento e de patriotismo, as tradições do povo que ele estudou e compreendeu com o seu grande talento.

Tirando da comemoração as conclusões que logicamente derivam de taes festas civicas, exortou os futuros educadores da mocidade ao cumprimento dos seus deveres para com a Patria e a Republica.

A festa realizou-se numa das salas da Escola, com a assistencia de alunos e professores, começando e terminando com o Hino Nacional cantado pelos alunos de ambos os sexos.

A sala estava artistica e singelamente engalanada, tendo-se encarregado da ornamentação um grupo de alunas da 3.ª classe que por isso são dignas dos nossos elogios assim como os promotores déstas comemoração civica de altissimo alcance para a mocidade estudiosa.

Tenente Leite

Está exercendo interinamente as funções de administrador do concelho e comissario de policia do distrito, o nosso presado amigo e correligionario, Manuel Rodrigues Leite, a quem nos é grato felicitar por o vêrmos de novo em Aveiro onde tantas simpatias conta e tão estimado se tornou.

Um abraço, Manuel Leite.

O 14 DE MAIO

Subsidios para a historia da Revolução

Relatorio enviado por Manuel Dias Ferreira ao comandante Freitas Ribeiro

Estabelecendo contacto com os grupos civis—O sinal da insurreição—A adesão da guarda fiscal dos postos da Rocha de Conde de Obidos e Boa Vista (Santos)—Armamento de civis—No quartel general da Junta Revolucionaria — O armisticio — Transferencia da Junta para a redacção do "Mundo,,—Proseguimento das hostilidades—Regresso da Junta á primitiva séde—O fracasso da artilharia de Queluz—Informações do major Pereira Bastos—O quartel general das forças governamentaes—Importante comunicação da Junta para o comandante Freitas Ribeiro -Resposta deste para a Junta—Atribulações dum emissario: á saída do quartel de marinheiros, em Santos

Na madrugada de 14 de Maio, já depois das 2 horas, eu, o deputado Domingos Pereira e Carlos de Melo Pimentel, da Comissão Paroquial Republicana de Belem, tomámos contacto com os grupos civis escalonados pelo Aterro até Alcantara. Com grande surpreza nossa, verificámos que alguns desses grupos ignoravam o santo e senha convencionados, inteirando-os nós imediatamente dessa imprescindivel identificação revolucionaria.

Na Rocha de Conde de Obidos surgiu-nos o tenente Olavo, que, ao tempo, ainda não tinha entrado em infantaria 2, como, de resto, não entrára no decurso dos acontecimentos, vindo mais tarde encontra-lo no quartel de Marinheiros.

A's 3 horas e 25 minutos precisas, ouvimos bem distintamente do caes do Gaz tres tiros de peça, sinal da insurreição lançado de bordo do *Vasco da Gama*. Esse sinal tinha sido cronologicamente precedido de projecções holofoticas, silvos de siréne, e de atroadores vivas á Republica e á Constituição soltados pela marinhagem, e sucedido de viva fuzilaria com remate de outros 3 tiros de canhão, que suponho serem aqueles que alvejaram os ministérios. Imediatamente os grupos esparsos pelo Aterro convergiram, uns para o quartel de Marinheiros, outros para o Arsenal.

Ao alvorecer, os navios de guerra embandeiraram em arco, dando as salvas do estilo. Nesta altura o deputado Domingos Pereira e Carlos Pimentel dirigem-se para o Arsenal, e eu para o quartel de Marinheiros, a colher informações dos acontecimentos para a Junta Revolucionaria, pois se dizia que os civis não tinham conseguido lá entrar por terem sido alvejados com viva fuzilaria da parte do 3.º esquadrão da guarda republicana, aquartelado defronte.

Chegado á cortina sul da parada do quartel vi esta ocupada por civis e marinheiros armados e vigilantes, bem como a passagem de nivel dos caminhos de ferro defendida egualmente pela marinhagem. Entrei na parada do quartel por uma escada de mão, colocada sobre um monte de areia existente dentro dum tapume. Uma vez ali fui saudado por velhos companheiros de luta do 28 de Janeiro e 4 de Outubro, entre eles Antonio Coelho Duarte, que, no seu proprio nome e de muitos civis que no quartel se encontravam sem armamento, me pediu para conseguir a adesão da guarda fiscal dos postos do Aterro e o armamento necessario para aqueles civis.

Não me fiz mais rogado, e chegado que fui ao posto da Rocha, achando-se quasi toda a guarda fiscal aglomerada ás cancélas do caminho de ferro numa atitude espectante, dirigi-me a um cabo, expondo-lhe a minha missão, o qual me acolheu com alguma frieza, ou antes, desconfiança. Receando ser, por este lado, mal sucedido, tomei a resolução de me dirigir abertamente a todas as praças, e, em voz bem alta, exortei-as a aderir ao movimento, e a marchar imediatamente sobre o quartel de marinheiros.

Felizmente as minhas palavras não foram baldadas. Toda aquela magnifica gente correspondeu aos meus vivas com calorosos vivas á Republica e á Constituição, ao mesmo tempo que, correndo para dentro do posto, se foram armar aqueles que o não estavam.

Neste momento peço-lhes para consentirem no armamento de civis já aglomerados á porta do posto, civis cujo numero mais tarde foi augmentado com outros vindos de Alcantara e acompanhados de alguns marinheiros.

Nesta azafama da distribuição de armamento, a que, tanto civis como guardas fiscaes, se entregavam, aparece-me o cabo a dizer que a guarda não podia abandonar o posto sem autorisação ou conhecimento do tenente Alves Diniz, comandante daquela secção, pedindo-me para comunicar-lhe o facto pelo telefone do posto para a Bôa Vista (Santos), o que fiz.

Claro está que lhe não pedi autorisação alguma; simplesmente lhe participei o facto consumado do pessoal do posto estar confraternisando com civis, preparando-se para marchar para o quartel de Marinheiros em defêsa da Republica e da Constituição.

O tenente Diniz objectou-me que não recebia ordens de paisanos, ao que eu lhe retorqui que tambem lhas não dava e que me predispunha a ir falar-lhe pessoalmente, convidando-o a colaborar com os seus subordinados e comnosco na defêsa do regimen e da legalidade, pois que, muito embora o não conhecesse, o considerava um português e um patriota.

Acabado este dialogo encaminhei-me sem detença para o jardim de Santos, onde proximo, num predio de azulejo, funciona o posto da Bôa Vista. Um cabo, postado á esquina do edificio, a quem, expondo sucintamente os acontecimentos, perguntei pelo tenente Alves Diniz, conduz-me imediatamente á caserna, pondo em sobresalto todas as praças. Dirigi-me ao tenente Diniz, apelando para o seu patriotismo afim de participar do movimento contra a ditadura e, após as naturaes hesitações do momento, com bastante satisfação minha aqui o declaro, aquele oficial comprometeu-se a acompanhar os seus subordinados para onde eles fossem.

Minutos depois chegava á Boa Vista o pessoal do posto da Rocha com os civis que lá se tinham armado. Um cabo de marinheiros vem parlamentar com o tenente escusadamente, dando-se ares, e pretende ser ele o comandante da força dos dois postos sublevados, com o pretexto de que não tinha confiança no tenente Diniz, ao que eu, o 2.º sargento Varejão da guarda fiscal e muitas praças, nos opuzémos energicamente, marchando assim aquela pleiade de valorosos republicanos comandados pelo referido tenente, sargentos Nunes, Outeiro e Varejão, em direcção ao quartel de Marinheiros, onde foram entusiasticamente recebidos.

* * *

Após estes sucéssos encaminhei-me rapidamente para a séde da Junta Revolucionaria, instalada na casa da major Norton de Matos, á rua Souza Martins, 14-2.º-D.º. A ele, bem como ao engenheiro Antonio Maria da Silva, que me abraçou entusiasmado, comuniquei todos estes factos. Lá encontrei o voloroso capitão Jaime Augusto Pinto Garcia, velho companheiro de trabalhos revolucionarios do 28 de Janeiro e do 4 de Outubro, na conjuntura posto á disposição de Norton de Matos, como seu ajudante; o deputado Carneiro Franco, Santana Leite, Custodio de Mendonça e outros ardentes colaboradores do movimento.

Momentos passados entra Pinto de Lima com a noticia do armisticio firmado entre as forças revolucionarias e as do governo. Imediatamente a Junta Revolucionaria se transferiu para a redacção do *Mundo*, para acompanhar mais de perto os acontecimentos. Mas, decorrido algum tempo, as hostilidades recomeçam—se é que alguma vez tinham cessado—e o engenheiro Antonio Maria da Silva pede-me para, de qualquer fórma, se arranjar um *auto* que novamente transportasse a Junta Revolucionaria ao primitivo quartel general, visto a redacção do *Mundo* não oferecer a precisa segurança.

Baldados esforços foram os meus. Nem na companhia de carruagens de S. Roque, nem em qualquer outra parte, consegui arranjar coisa que se parecesse: trem, *coupé*, carroça, etc. Todos se negavam a alugar veículos pela falta de segurança que havia nas ruas. Estava paralisada a viação. Só mais tarde, na rua da Escola Politecnica, proximo a S. Mamede, é que, com alguma dificuldade, consegui alugar um *coupé* de retorno, batendo em seguida para o *Mundo*.

Felizmente, quando lá cheguei, já não era preciso, pois que, não sei como, sempre se conseguira um *auto*, creio que particular, que transportasse os membros da Junta á rua Souza Martins.

Para lá me dirigi novamente, encontrando-me na escada com o major Pereira Bastos, concluindo das suas declarações, na minha presença prestadas a Norton de Matos, que não tinha conseguido levar para a nossa causa as batarias de Queluz, o que era muito para lamentar e, sobretudo, para extranhar no comandante duma unidade.

Estas declarações do major Bastos não produziram muito bôa impressão em Norton de Matos e engenheiro Silva, esboçando este ultimo até um gesto de enfado, em virtude da insistencia com que o major Bastos pretendia desculpar a sua pusilanimidade.

Este trouxe-nos, no entanto, a noticia, importante para a conjunctura, de que o quartel general das forças leaes ao govêrno não funcionava nas Necessidades, mas sim ao Carmo, onde tambem se encontrava o general Pimenta de Castro e os restantes membros do ministério. Em face disto, o engenheiro Silva convida-me a ir imediatamente ao quartel de marinheiros scientificar o facto ao comandante Freitas Ribeiro, e pedir-lhe para que do mar se bombardeasse o quartel do Carmo com algumas granadas, afim da situação se definir. Assim fiz, desempenhando-me da missão *pedibus calcantibus*, visto não haver meio de transporte algum. Escolhendo o itinerario menos perigoso, pois o tiroteio, nésta altura, era geral na parte baixa da cidade, consegui chegar ao quartel, entrando pelo tapume da parada sul e subindo pela mesma escada ainda lá existente.

Apresentado ao comandante Freitas Ribeiro, que me apareceu juntamente com o meu amigo major Sá Cardoso, disse-lhe ao que ia e donde vinha, ao que Freitas Ribeiro muito diplomaticamente, para se certificar da minha identidade e da sinceridade dos meus propositos, me perguntou onde funcionava a junta, não lhe escapando rua, numero, andar e lado.

Satisfeitas estas formalidades o comandante Freitas Ribeiro mandou chamar uma ordenança e deu-lhe as suas instruções para os sinaleiros transmitirem para bordo.

Neste momento aparece uma

praça armada, trazendo a comunicação de que a artilharia estava tomando posição na tapada da Ajuda, com o proposito talvez de bombardear o quartel. Novamente Freitas Ribeiro manda participar para bordo o facto, afim da artilharia dos navios a desalojar daquélas posições. Mais informações aparecem, como a de estarem forças inimigas na Junqueira, e apezar da familia de Freitas Ribeiro ali morar, este não hesita um instante em ordenar aos navios que com a sua artilharia varram o inimigo.

Passada esta avalanche de informações, algumas délas desencontradas, Freitas Ribeiro volta-se para mim e diz-me:—Peço-lhe que comunique a Norton de Matos e ao engenheiro Silva que estabeleçam mais ligações comnosco, que poucas noticias temos suas, e que se certifiquem de qualquer maneira da atitude de Vale do Zebro, informando-nos de tudo quanto souberem de interesse para o movimento. Dito isto despedi-me, dispondo-me a palmilhar novamente o mesmo itinerario debaixo da ardencia do sol, quando, ao descer para a rua, um grupo de civis armados e um marinheiro, não me conhecendo, me alvejam, supondo em mim um espião.

Apezar de declinar o santo e senha não se convenceram, pelo que tive novamente de voltar á presença de Freitas Ribeiro que, imediatamente, me mandou acompanhar por um marinheiro e franquear-me a saída.

Já a caminho novas peripecias se dão. Na altura de Santos, Conde Barão e Bôa-Vista trava-se rijo combate com civis e marinheiros duma parte, e cavalaria e infantaria 16, doutra. O tiroteio é infernal, e durante meia hora, para não ser aprisionado, ferido ou morto pelo inimigo, que revistava todos os civis que apanhava, refugiei-me nas barracas da feira de Santos, deitando-me de bruços para não oferecer alvo ás balas, que faziam um concerto algo irritante ao atravessar o zinco daquélas ligeiras construções. Passada a borrasca desobriguei-me da missão de que ía incumbido, e só então, 17 horas, cançado e fraco, me recordo que ainda não tinha almoçado. Valeu-me Marinha de Campos, que a mim, e ao capitão Jaime Garcia, nos deu de almoçar áquéla hora da tarde, unica refeição do dia.

(Conclue no proximo n.º)

O Congresso

Reune pela primeira vez no proximo dia 24 o novo congresso da Republica que até agora conta com os elementos que passamos a enumerar: deputados democraticos, 100; evolucionistas, 26; unionistas, 11; independentes, 6; socialistas, 2 e monarquico-catolico, 1. Senadores democraticos, 35; evolucionistas, 9; unionistas, 4; independentes, 5 e monarquico-catolico, 1. Ao todo 146 deputados e 54 senadores, faltando ainda eleger 17 deputados, sendo 6 pelas ilhas, excepto o Funchal, e pelas colonias e tambem 17 senadores, sendo 9 pelas ilhas, excepto o Funchal, e 8 pelas colonias.

Como se sabe, não lograram ainda desta vez transpor os portaes de S. Bento nem o nosso conterraneo Joaquim Peixinho nem o reverendo *Pipi*, dois oradores de fama destinados a um largo futuro logo que o eleitorado se convença de que é imprescindivel esse par ornamental lá em cima, a legislar...

Quando a infelicidade penetra...

Matutando

—=(*)=—

Porque diabo sería que no teatro, na quinta-feira da semana passada, quando ali se realizou a sessão de propaganda a que ligeiramente aludimos no nosso ultimo numero, o sr. Barbosa de Magalhães referiu e repisou no seu discurso os grandes e moraes resultados da atual lei militar que veiu pôr côbro a toda a casta de traficancias que, á sombra de tão sagrado tributo, ignobilmente se praticavam?

E' claro que propositadamente não se fala *em corda na casa de enforcado*, e assim pensamos nós se aquéla tão larga esplanação envolveria uma implicita confissão a proposito de qualquer atitude por o orador tomada na defêsa de algum desses ignobeis traficantes que tivéssem cometido crimes daquéla natureza, ou se o orador se referiria ao assunto sem outras reflexões mais do que exaltar os beneficios da lei atual...

Em qualquer caso, podemos afirmar ao orador que os abusos continuam e a prova é que já dentro da Republica eles atingíram tamanha escandaleira que o govêrno mandou repetir a inspeção submetendo os mancebos de determinados recenseamentos a novos exames, isto não falando naqueles que anteriormente conseguiram isentar-se a troco de atestados nos quaes eram certificadas falsas doenças, que os interessados pagavam, ora em dinheiro ora em generos, independente doutros expedientes empregados para a colheita de taxas determinadas — *como era costume*...

Contudo não nos escondemos de confessar que ficámos surpreendidos com o ouvir contar tão minuciosamente os beneficios da atual lei militar, que afinal e em verdade não são absolutamente reaes, como o antigo monarquico afirmou.

Classificâmos assim o orador porque foi ele o proprio que no mesmo logar declarou que *tinha vindo da monarquia para a Republica*.

E falou verdade.

Rectificando

Desmente-se o boato que ha tempo correu da morte, em Africa, do farmaceutico de Canelas, sr. Costa Cabral, o que nos apressamos a registar visto dele nos termos feito éco tambem.

Antes assim.

BANDEIRA

Numa das montras do estabelecimento de modas *A Elegante*, sito na rua de José Estevam, está em exposição uma rica bandeira de seda verde primorosamente pintada pela sr.ª D. Maria Izabel de Oliveira Matos. Destina-se á Banda Escolar do Troviscal que dentro em bréve a conta estreiar solénemente.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Notas mundanas

Tem passado nos ultimos dias peor dos seus encomodos o sr. dr. Elias Fernandes Pereira, erudito professor do liceu a quem desejâmos rapidas melhoras.

✠ *Partiu para as termas de S. Pedro do Sul o sr. Domingos Luiz Valente de Almeida.*

✠ *Estivéram nesta cidade os srs. Manuel Ferreira Rolo e Luiz Apolonio da Silva, da Palhaça.*

✠ *Já se encontra em Aveiro entre os seus camaradas do 24, o major da mesma arma, sr. Pinto Queimada.*

✠ *Partiu para Bragança o tenente Brochado Brandão, atingido por uma das ultimas ordens do exercito que o transferiu para um dos corpos aquartelados naquela cidade.*

✠ *Tambem se retirou hoje com egual destino o major Ferreira Viegas, de quem os seus amigos se despediram saudosos.*

✠ *Está na Costa Nova o sr. Cipriano Mendes.*

PELA IMPRENSA

"A Democracia do Vouga„

Com este titulo começou a publicar-se em Albergaria-a-Velha um novo jornal, que de ha muito constituia uma aspiração dos democraticos daquele concelho e que, como o seu nome indica, advogará a politica do Partido Republicano Português.

Com os nossos cumprimentos de bôas vindas desejâmos-lhe o prolongamento duma vida cheia de prosperidades.

"O Povo do Norte„

Completou mais um ano este velho combatente republicano, ora defensor da politica unionista, que se publica em Vila Real e é dirigido pelo sr. Adelino Samardan.

As nossas felicitações.

"A Aguia„

Recebemos o n.º 41, correspondente ao mez de maio, désta interessante revista portuense, propriedade e orgão da Renascença Portuguêsa, que encerra o seguinte sumário:

Literatura—A Revolução de 1640—*Teófilo Braga*. O Anel de Corina—Soneto de *Eugénio de Castro*.—S. Frei Gil—*José Pereira de Sampaio (Bruno)*. Pela Grei.—Soneto de *Antonio Sérgio*. Retratos Femíninos—Sonetos de *Gomes Leal*. Onde nasceu Eça de Queiroz?—*Antonio Cabral*. Vilancete. Conselho—Versos de *Rodrigo Solano*. Como o *Homem* chegou—*Lima Barreto*. A Alegria e o Bem—Psalmo de *Alvares de Almeida*. Notas etimiologicas—A palavra gonzo—*José Teixeira Rego*. Á beira duma sepultura—Soneto de *João de Castro*. A morte de Silvano—Versos de *Carlos Maul*. **Arte:** A proposito de duas obras de arte—*Aarão de Lacerda*. Salva decorativa. Taça de honra (Ilustr.)—*Antonio Maria Ribeiro*. Estudo—*Antonio Carneiro*. **Ciencia, filosofia e critica social.**—Os grandes Problemas—*Léonardo Coimbra*. **Bibliografia**—*Jaime Cortezão* e Vária.

Santos Luz

Surpreendeu-nos dolorosamente a noticia de ter atentado contra a propria existencia o velho e dedicadissimo republicano, lidimo caracter e trabalhador incansavel, Santos Luz, que exercia em Lisboa o cargo de arquivista do Directorio do Partido Republicano Português.

Posto que o seu estado tenha inspirado sérios cuidados, os medicos empregam todos os seus esforços para o salvar, o que oxalá aconteça porque Santos Luz sobre ser uma alma cheia de sentimento, um coração bondoso, é um poeta apreciavel, um amigo e correligionario dos mais estimaveis e homens deste quilate fazem falta, muita falta.

Que se restabeleça, pois, para satisfação de todos os seus amigos, no numero dos quaes enfileirâmos, são os votos que instantemente fazemos.

A limpêsa

Os funcionarios publicos desafectos á Republica vão ser afastados dos respectivos logares

O *Diario do Governo* publicou na quarta-feira o seguinte diploma:

Artigo 1.º—E' o govêrno autorizado desde já, e por uma vez sómente, a separar definitivamente do serviço efectivo todos aqueles funcionarios que não dão uma completa garantia da sua adesão á Republica e á Constituição.

§ unico—São desde já considerados abrangidos pelo artigo anterior todos os individuos que faziam parte do govêrno transacto á data de 14 de Maio do presente ano.

Art. 2.º — Os funcionarios a quem são ou fôrem aplicadas as disposições da presente lei e que não devam ser exonerados por aplicação de leis ou regulamentos anteriores, perceberão oitenta por cento dos seus actuaes vencimentos de categoria ou soldo.

Art. 3.º — Os funcionarios civis ou militares separados do serviço nas condições désta lei, serão demitidos nos termos e com as formalidades do regulamento disciplinar dos funcionarios civis, se persistirem na sua hostilidade contra a Republica ou a Constituição.

Art. 3.º-A) — Os funcionarios que vencerem exclusivamente emolumentos ou salarios e que deverem ser afastados do serviço nos termos désta lei, ficarão no regimen dos *substituidos*, mas não poderão receber mais de 50 por cento das actuaes lotações dos respectivos cargos.

§ unico—No caso de subsequente demissão ou morte, os substitutos ficarão, *ipso facto*, investidos nos cargos como efectivos.

Art. 3.º-B)—Quando os funcionarios tivérem ordenados e emolumentos, mas estes constituirem a parte mais importante dos seus vencimentos, a remuneração que lhes ficará cabendo será proporcional aos emolumentos, conforme a lotação vigente; e quando tivérem dois ordenados de categoria, será proporcional ao maior.

Art. 3.º-C) — Os limites de 80 e 50 por cento, a que se referem os artigos anteriores, serão pelo govêrno considerados como maximos, devendo principalmente aplicar-se aos funcionarios civis ou militares com mais de 25 anos de serviço efectivo e sendo da competencia do mesmo govêrno determinar, em cada caso, a menor percentagem de vencimentos que deva ser estabelecida consoante a edade e situação material do funcionario e, especialmente, o tempo e qualidade de serviço que haja prestado.

Art. 3.º-D) — Das decisões ministeriaes sobre separação de serviço nos termos désta lei, só póde recorrer-se, sem efeito suspensivo, para o conselho de ministros no prazo de 10 dias, e do conselho de ministros só póde recorrer-se para o Parlamento nos termos da Constituição.

Art. 3.º-E) — Os funcionarios separados do serviço nos termos désta lei, ou demitidos por hostilidade á Republica ou á Constituição, não mais poderão exercer cargos remunerados, quer do Estado, quer dos corpos administrativos, perdem o direito á reforma ou aposentação, e ficam privados do exercicio dos direitos politicos por 10 anos.

Art. 4.º — Fica revogada a legislação em contrario.

Os ministros de todas as repartições a façam imprimir, publicar e correr.

Dada nos paços do govêrno da Republica e publicada em 16 de junho de 1915. — *Joaquim Teofilo Braga, José de Castro, Paulo José Falcão, Manuel Monteiro.*

—=—

Artigo 1.º — As disposições do artigo 1.º da lei n.º... são tambem aplicaveis aos funcionarios que só percebam salarios ou emolumentos nos cargos que exerçam.

Art. 2.º — Esses funcionarios, aos quaes sejam aplicaveis as disposições désta lei serão obrigatoriamente substituidos e terão os mesmos emolumentos que a lei estabelece aos que se substituem no exercicio dos seus cargos por impedimento fisico permanente, sem prejuizo de qualquer outro procedimento disciplinar ou criminal.

Art. 3.º — Não haverá recurso de quaesquer deliberações tomadas por virtude do disposto nésta lei e na lei referida no artigo 1.º.

Art. 4.º — Fica revogada a legislação em contrario.

Os ministros de todas as repartições a façam imprimir, publicar e correr. Dada nos Paços da Republica e publicada em 16 de Junho de 1915. — *Joaquim Teofilo Braga, José de Castro, Paulo José Falcão* e *Manuel Monteiro.*

Está-nos a palpitar que a esta hora ninguem falta por aderir ás instituições...

E de mais talvez não; talvez ainda haja quem tenha convicções e caracter.

Vamos a vêr.

Necrologia

Morreu no dia 10 em Lisboa o engenheiro, sr. José Maria de Mélo Matos, que viveu entre nós durante bastantes anos e a quem se devem vários melhoramentos no distrito.

Em Oliveira de Azemeis

AS ELEIÇÕES

Com os meus nervos em repouso depois da supra actividade durante a luta eleitoral, julgo poder formular um juizo seguro do que foi a candidatura do dr. Barbosa de Magalhães, analisando os factos com o criterio imparcial da Verdade, da Razão e da Justiça. E julgo que assim posso fazer, porque neste momento a minha *inteligencia* e a minha *cultura não se acham inutilisadas pela excessiva vibratilidade*, que num desvairamento me arrasta por vezes á incompreensibilidade da coesão da vida vivida, *mancomunando-me com creaturas que tudo fazem para alcançar os seus fins*. A esse combate desleal aonde a ausencia duma *razão honesta* me enveredou para as lutas pessoaes, que, ás vezes, como todas as suas similares, empanam a inteligencia para não deixar vêr os variados e multiplos esconderijos da artimanha e deslustram a cultura para não permitir a observação dos factos pelo prisma da imparcialidade, segue-se a calma de espirito para que a Razão se desprenda dos grilhões torturantes da calunia e a Justiça paire liberta, muito acima da mesquinha politica de *campanario*, dando o seu a seu dono.

* * *

Foi esta a impressão que á *Montanha*, jornal republicano portuense, causou a leitura do meu manifesto eleitoral. Basta lêr esse diario para se vêr que assim é.

Quiz a *Montanha* demonstrar que uma antipatia pessoal, aliada a uma politica baixa, rèles e infame, foi a causa eficiente da publicação desse manifesto, mas não alcançou o seu *desideratum*, porque os argumentos não se encontram, nem as provas existem. Essa local da *Montanha* não conseguiu convencer os que sabem lêr nem os que conhecem as qualidades do dr. Barbosa de Magalhães; apenas iludiu, mas por pouco tempo, os que por ignorancia facilmente se iludem ou por conveniencia se deixam iludir Para aqueles, as bases da controversia não se encontram e só por elas se guiam para a organisação da sua opinião; para estes, as ultimas frases ou as melhores promessas são os argumentos de maior peso convincente.

Mas a *Montanha* nem com factos destruiu os factos por mim apontados, nem com argumentos rebateu as conclusões a que cheguei; veiu, pelo contrário, sublinhar ainda a razão e a justiça da minha alevantada politica.

* * *

Os elogios ao dr. Barbosa de Magalhães, em vez de serem argumentos contra mim, são a meu favor.

O dr. Barbosa de Magalhães, que durante o regimen monarquico teve intimas ligações politicas com todos os partidos monarquicos e que no ultimo reinado, pelo menos, tinha nos paços reaes as simpatías, gratidão manuelina á mensagem aveirense, se tinha tão grande bagagem de conhecimentos e tão alto valor intelectual facilmente tería sido guindado ao magisterio superior e aos mesmos elevados cargos da monarquia. Nada disso aconteceu. Barbosa de Magalhães continuou a ser o estudante de Coimbra da republica do Largo da Feira e o advogado. Com a implantação da Republica tudo mudou, menos o estudante de Coinbra. Esses logares que hoje usufrue provam a capacidade desse tubarão.

Mas admitâmos por um momento que uma guerra sem quartel lhe era movida no tempo da defunta, o que não é plausivel, atenta a protecção e as relações politicas. Então basta só a inteligencia e a erudição para recomendar um homem para o parlamento, para os altos cargos do Estado e para os logares de destaque desse partido que se esforça pelo seu programa a engrandecer a Republica? Se assim é, o partido democratico foi duma flagrante injustiça, escorraçando do seu seio o dr. Cunha e Costa que indubitavelmente tem um valor intelectual e cientifico muitissimo superior ao dr. Barbosa de Magalhães.

O despreso com que o partido democratico castigou o dr. Cunha e Costa foi justo, porque lhe faltava a força moral, a dignidade, a honestidade. Gostei dessa expulsão como gostei de vários protéstos que os republicanos democraticos do Porto levantaram contra republicanos, correligionarios que em sentimentos egualavam (sejâmos extremamente benevolos para o nosso antagonista) o dr. Barbosa de Magalhães, mas que tinham um passado limpo e de sacrificios á Republica.

O dr. Barbosa de Magalhães, *com quem nunca tive qualquer questão pessoal*, não tem convicções politicas mas sim habilidades de *savoir vivre*, fazendo para isso a *politica de assalto*, como bem o disse um republicano de vulto da *entourage* do sr. Afonso Costa.

Elevaram, não ha duvida, ao logar de ministro da Justiça esse imposto candidato, não para honrar o logar que por si é nobre, mas para lhe satisfazer a ambição que vinha desde o tempo em que a ministro foi elevado o sr. Antonio Macieira.

Honrar a Justiça um homem que tem por ela o maior despreso, só por troça se admite. Sim, a Justiça e não o fôro judicial porque este deu provas em demasia quando da ditadura Pimenta de Castro, chegando mesmo alguns dos seus mais protegidos membros a copiarem sentenças da ditadura franquista! A magistratura judicial portuguêsa não é, na sua maior parte, a magistratura da lenda de Berlim, mas da acostumada adoração oriental.

E é desta maneira e com taes argumentos que a *Montanha*, em menos de um quarto de hora e em discussão séria, destróe tudo quanto no meu manifesto se contém!

Como conheço um dos directores e como não me é desconhecida a orientação da *Montanha*, estou cérto de que o determinismo desse desabafo foi, não a vibratibilidade, porque são calmos, mas o mau humor da ocasião talvez originado no facciosismo da obediciencia... para os outros.

Não hade levar o tempo em delongas extensas que a *Montanha* não seja de opinião diferente: é quando *démarches* politicas se fizérem á semelhança duma que deu brado no distrito de Aveiro e que tirava toda a supremacía ao dr. Barbosa de Magalhães. Nessa ocasião, esta apregoada figura politica não recomendou á sua familia do *Campeão das Provincias* que, como de costume, fosse render, em fervorosos cumprimentos, as homenagens ao sr. Afonso Costa, que na estação de Aveiro passava no *rapido* em direcção ao Porto.

Foi simples essa manifestação de sinceridade politica, mas bem significativa para se poderem tirar conclusões de longo alcance para quando a ambição do dr. Barbosa de Magalhães encontrar entraves ou impossiveis no seu contentamento. Então voltará aos tempos da monarquia, percorrendo todos os campos politicos, comendo aqui, anichando-se além, bajulando hipocritamente uns, ferindo interesseiramente outros.

Todos os factos da sua vida, e alguns bem recentes ainda, o afirmam sem receio de desmentido, a não ser que pela frente lhes apareça, com aspecto gráve, alguma local da *Montanha* em *discussão séria*. Se tal embate se realisar, a vida desses factos apaga-se em *menos de um quarto de hora*.

....

E as eleições neste concelho foram tranquilas, mas de uma deshonestidade que envergonha e causa dó aos verdadeiros republicanos.

Quatro partidos se apresentaram a disputar a maioria para deputados, além da dissidencia que se deu contra o dr. Barbosa de Magalhães.

Dessa dissidencia fiz eu parte activa.

Os logares-tenentes do dr. Barbosa de Magalhães, para mostrarem a insignificancia da dissidencia aos que de longe estão e que do alto nos olham e aos que—faça-se justiça—não conhecem os predicados do indispensavel deputado, fizéram acordos com todos os outros partidos, incluindo os catolicos, os monarquicos! Numas freguezias do concelho os patrocinadores do dr. Barbosa de Magalhães uniram-se aos unionistas, chegando mesmo a cortar por completo, segundo resam os apuramentos, o nome do dr. Pedro Chaves; noutros acordaram-se com

os evolucionistas, litografando ou imprimindo listas só com um candidato democratico, dr. Barbosa de Magalhães; e ainda noutras conluiram-se com os monarquicos para fazer o mesmo. Se eram ordens do chefe que só queria votos...

Mas somos nós, os dissidentes, que nos unimos a *creaturas de tal jaez* para alcançar os nossos fins!

Eu sou um indisciplinado porque pugno pelos principios republicanos e pelas decisões dos congressos geraes do Partido Democratico, porque me esforço para provar de facto que não ha ligação entre Republica e monarquia, porque trabalho para demonstrar á evidencia que paridade alguma existe entre o passado e o presente.

O dr. Anibal Beleza, logartenente do dr. Barbosa de Magalhães e homem neste concelho de maior confiança politica sua, e alguns outros influentes, são os soldados fieis da Republica, ainda que de braço dado e em simbiose de concubina nata dancem, em redor das urnas, o fado dos *apaches*.

Não me causou surpresa esse redemoinho de concordatas, verdadeira bacanal politica, em que a traição foi a força principal desse movimento nojento, porque aos sincéros republicanos o havia profetisado. Causou-me, porém, magua, desolação, vêr antigos companheiros de luta não escutarem os argumentos e os factos do raciocinio e observação dos que sempre prontos estivéram para defender a Republica, oferecendo-lhe a vida e a bolsa, para só atenderem aos beijos sifilicos e ás caricias traiçoeiras dos que teem constantemente maltratado a Republica, quer por palavras, quer principalmente por actos.

E o dr. Barbosa de Magalhães, que conhece bem de perto e dos tempos de Coimbra alguns desses pantomimeiros, desses inimigos das instituições e do Partido Democratico, unindo-se a eles e despresando republicanos, é tão bom come eles, se não fôr peor.

Enquanto me resta algum folego de polemista, de combatente, sempre ouso dizer que não tenho *o direito de duvidar da fé republicana do dr. Barbosa de Magalhães, mas todo o direito, toda a razão e toda a justiça para ter a certêsa de que esse indispensavel deputado, esse inegualavel professor da faculdade de direito de Lisboa, essa figura das mais representativas da Republica de hoje, não é um republicano.*

Ser um republicano pela Republica é proprio de todo o homem de bem.

Ser republicano pela monarquia é proprio de quem tem por alma um cano de esgoto e por sentimentos os putrefactos dejectos dum organismo lienterico.

O saneamento é tão necessario á Republica como ao pobre a esmola.

15 | 6 | 915.

Lopes de Oliveira
(Medico)

O PADRE PATO

Foi um dos mais dedicados servidores da decantada candidatura do sr. dr. Joaquim Peixinho!

Não houve sacrificio, trabalho, fadiga a que se eximisse, apregoando aos quatro ventos o triunfo colossal do bom e dedicado amigo!

E este parecia-lhe tão seguro que a *embriaguez* da vitoria levou-o a dizer, com ares provocadores, aos seus proprios inimigos pessoaes—hão-de grama-lo!—quer queiram quer não—hão-de grama-lo!...

Saíu errada a inspirada profecia do bom vigario!

Vamos agora a vêr o que ele poderá então gramar...

Ainda que lhe custe...

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Atualidades

S. Cristovam concéde ao "Democrata,, as suas impressões sobre o acto eleitoral

Abandonada a egreja, esperámos cá fóra um bom pedaço e naturalmente distanciando-nos inquietou-nos a ideia de que o entrevistado não se encontrasse facilmente comnosco.

Achavamo-nos, porém, á esquina da Escola Central quando apareceu S. Christovam trazendo numa mala de mão as oferendas do dia, varino, chapéu á Mazantini e o pinheiro, sem rama, que tinhamos deixado na egreja.

—Meu amigo—exclama ele—trocaremos rapidas impressões sobre o assunto a que aludiu...

Mas mal teve tempo de pronunciar estas palavras reparamos que a santa creatura se afastava do solo, elevando-se. Pensávamos que sería a sua ascensão para o espaço, quando afinal não era mais do que o João do Padre que casualmente ali passando e conhecendo-o, logo lhe enfiou a cabeça pelo buraco, erguendo-o como nos tempos saudosos em que assim, naquele piedoso sacrificio—por dois pintos—carregava com o santo por éssas ruas além...

S. Cristovam convenceu com deficuldade o João a largal-o e dando-lhe alguma cousa da mala, tornámos a ficar a sós.

—Você veja lá como compõe a nossa conversa—continuou o Santo—e consiga que não mandem lá para cima o numero que tratar do caso. Se perguntarem pelo jornal eu explicarei de qualquer fórma a sua falta. Não me convem que conheçam as minhas confidencias e ai de mim se alguma das besbilhoteiras em deposito—as taes onze mil *meninas*—soubéssem do caso.

De subito o santo bate na testa e, numa aflitiva anciedade, pergunta-nos:

—Você póde arranjar-me umas vélas Erbon?...

Deante daquéla pergunta não pudémos disfarçar o nosso profundo espanto e ficámos pasmados, como se não ouvissemos bem.

—Veja lá se me consegue isso. E' uma encomenda feita pela 10.999.ª virgem que me pediu com empenho!... Fraquezas, fraquezas... Tanto as ha cá em baixo, como lá em cima.

Assegurada a possibilidade de satisfazer o desejo do santo, ele acrescentou:

—Falar-lhe-hei um tanto ou quanto parabolicamente, quando deva assim falar. Quando o Afonso pensou na revolução logo apareceu o pensamento transmetido em *placard* no *mundo* celestial, porque, como sabe, o *mundo* papel, nada disse sobre o caso.

Logo baixou o espirito protetor para a aventura, pois o alto corpo dirigente, sob a presidencia do supremo arquitecto, aprovára a ideia da revolta. São todos *formigas brancas*, diz-nos o santo baixando a voz, e creio mesmo que o Padre Eterno se inclina para os republicanos...

—Pelo menos a tunica e as barbas são brancas, arriscámos.

—São brancas, são, mas tambem é branca, como formiga... Você pelo amor de Deus—hein?...

—Esteja descançado, respondemos.

—Com a aprovação suprema, a vitoria era certa—como foi e como viu. Ao Antonio José, evitaram-se-lhe as consequencias funestas de valentissima purga que o Afonso aplicou a tiro de canhão. O Camacho a escrever cartas de namoro ao Pimenta—você conhece toda éssa comedia...

Estava decretado: antes de conhecermos as resoluções supremas, quando o serviço de entradas dava vagar, entretinhamo-nos a lêr vários jornaes e muito nos riamos com o jogo do empurra que os tres faziam para poderem presidir ás eleições. Santo Hilario, o galhofeiro de sempre, dizia a miudo—*o que perder leva com a móca!...* Quando se deu a revolução estavamos á espera de dar de cára com algum dos que tão imbecilmente para éla concorreram. Afinal não apareceu gente conhecida, apezar do elevado numero que lá se juntou. Na politica local, você verá cousas extraordinarias: candidatos mirabolantes, querendo, não querendo; comissões por sua vez não querendo, querendo; uma chuva de senadores *vários*, evolucionistas em *duplicado*, independentes de antes quebrar que torcer, o diabo. Verá fugir da mão de algum o passaro que supõe seguro.

Você sabe lá?! Todas os dias se recebiam pela telegrafia sem fios—a velha telegrafia espiritual—petições dos vaidosos e dos soberbos, pedindo o triunfo das suas ambições. Apresentados ao Padre Eterno, ele deitava-as logo para o cesto dos papeis inuteis... Ha aí um patiforio, gajo por excelencia, de quem muito me falou o Homero e que comigo esteve a ouvir uma conversa dele, que já tem veleidades sobre a sua entrada no partido republicano!...

Ouve-o?—dizia-me o pobre Argus, com as feridas ainda abertas dos balazios que o liquidaram. Pois aquele infame sonhou com a pasta de ministro! Upa, upa—de valido do rei, quando conspirava para a restauração da monarquia e apesar das suas presunções de esperto, caía com os outros tão imbecilmente nas minhas mãos... Mas olhe hade ser sempre tão verdadeiro, como verdadeiro é o cabelo do Ricardo—o director espiritual do Quelhas! Verá cousas mirabolantes, peripécias unicas, novas demonstrações de muitos caracteres, já conhecidos embora. Prepare-se que a fita é magnifica e prometedora.

De subito pairou sobre nós como uma grande ave, formidavel e agitada, e de cima uma voz pergunta:

—Vem de aí?...

Era o aereoplano onde o chefe evolucionista—o Asheverus aereo—andava pelo espaço.

Então S. Cristovam levantando a mala apertou-nos a mão e, num pulo, com uma ligeirêsa que surpreende, entra no aparelho, dizendo-nos apenas:

—Apareça quando quizer e dê-me as suas noticias. Escreva—*via Parais, mansão celestial*...

Quando chegámos a casa para coordenar estas notas esperava-nos o seguinte telegrama, que abrimos inquietos:

—Esqueceram-me as velas... Mande-m'as pelo João.

(a) *Cristovam*

Teremos de fazer a vontade ao nosso atencioso entrevistado que por cérto mais alguma vez permitirá transmitir aos leitores do *Democrata* as suas curiosas e sábias impressões...

Instituto Branco Rodrigues

Exames de Cégos

no Conservatorio e no Liceu Passos Manuel

O sr. ministro de Instrução Publica concedeu autorisação, a pedido do sr. Branco Rodrigues, fundador do Instituto de Cégos, para que sejam admitidos a exame de 1.º e 2.º ano de rudimentos e de 1.º, 2.º e 3.º ano de piano, no Conservatorio de Lisboa, e das disciplinas de português e de francês, no liceu Passos Manuel, sem pagamento de propinas, os alunos cégos deste estabelecimento de ensino e de beneficencia, que se acham habilitados naquélas disciplinas em numero de dezanove.

Tambem este ano fazem exame de instrução primaria, 1.º e 2.º gráu, na Escola Oficial de Cascaes, seis alunos cégos désta instituição.

Agradecimento

Domingos dos Santos Gamélas e seus filhos teem deligenciado agradecer directamente a todas as pessoas de quem receberam cumprimentos pelo falecimento de sua chorada esposa e mãe, e bem assim ás que se dignaram acompanhar o cadaver da extinta á sua ultima morada.

A'quélas, porém, a quem, por causas extranhas á sua vontade, o não hajam feito por aquéla fórma, agradecem por este meio, protestando a todos o seu eterno reconhecimento.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 14

Terminou a eleição nésta freguezia.

Democraticos

Para deputados: Antonio C. Portocarrero Teixeira de Vasconcélos, dr. Barbosa de Magalhães e dr. Pedro Chaves, com 118 votos cada um.

Senadores: Agostinho Fortes e Elisio de Castro com 118 votos cada um.

Unionistas

Para deputados: João José Diniz e Gaspar Inácio Ferreira, com 88 votos cada um.

Senadores: dr. Joaquim Simões Peixinho e Ernesto da Encarnação Ribeiro, com 88 votos cada um.

O acto eleitoral correu bem.

C.

CASA DE PENHORES

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores da Rua da Revolução, afim de reformarem os seus contractos até 20 de Julho proximo, para não serem vendidos os respectivos penhores.

Aveiro, 18 de Junho de 1915.

CASA DE PENHORES

DE

Artur Lobo & C.ª

Previnem-se os srs. mutuarios desta casa, sita na Rua do Passeio, 19, afim de reformarem os seus penhores até 20 de Julho proximo, para não serem vendidos.

Aveiro, 18 de Junho de 1915.

CASAS NA BARRA

ALUGAM-SE

A Junta das Obras da Barra e Ria de Aveiro aluga, para a próxima época balnear, todas as casas que tem na Praia do Forte.

Os pretendentes devem formular as suas propostas em carta fechada, dirigida ao ex.mo Governador Civil, presidente da Junta, indicando o preço que oferecem, a casa que desejam e o mês ou mesês por que se propõem fazer o aluguer, cabendo á Junta resolver em sessão o que houver por conveniente em face das propostas, que devem ser entregues pelos interessados até 25 do corrente.

Na rua de José Estevam n.º 37 (rua Larga) compra-se ouro uzado, trocam-se ou vendem-se bonitos objectos de ouro ou prata e concertam-se os mesmos por preços baratos na oficina e ourivesaria Vilar.